

CEM ANOS DE CINEMA

Irene Tavares de Sá
PUC — RJ

Como justificar uma nota sobre o Cinema numa Revista de Filosofia? Pretensão descabida? Talvez não, se apreciado o fato quanto ao espectador — objeto também de estudos filosóficos.

Há um século o Cinema vem ocupando espaço sempre maior na vida social sob vários aspectos (incluindo-se aqui a Televisão): análises do ser humano em praticamente todos os ambientes onde vive ou já viveu; seus diferentes objetivos como Arte, instrumento de comunicação, lazer, pesquisa, etc. Quase todas as situações já foram vistas — quando completa cem anos, de 1895 a 1995. A primeira sessão pública realizou-se em Paris, em dezembro daquele ano, atingindo uma produção até agora de quase um milhão de filmes — curtas, médias, longametragens e telefilmes.¹

Seja-me, pois, permitido considerar, sem maiores pretensões, as dimensões do Cinema em alguns aspectos que apontarei rapidamente, reduzindo-os a uma "síntese"...

Há vários anos descobri-lhe sua função educativa e social (além de outras), e venho ministrando aulas de Cines-tética e crítica em alguns cursos, analisando filmes onde podemos abordar questões de ordem ética, estética, política, social, psicológica, etc.

Até mesmo o conceito de "dialética" foi empregado por um grande cineasta brasileiro, numa das melhores definições de cinema que conheço: "Cinema é a dialética da luz e da sombra, que rege os princípios da Sétima Síntese das Artes." (Glauber Rocha).

Magnético instrumento de comunicação, capaz de captar e registrar a realidade, com arte ou sem ela, incutindo e modificando hábitos e conceitos. Daí o Cinema indústria, de consumo, diversão, Arte, etc., nos mais diversos enfoques.

Como arte transforma a imagem em sutis mensagens, como vemos em filmes de grandes diretores que captaram os mais secretos sonhos do

coração humano, ao contrário do óbvio ululante em filmes de baixa qualidade. Outros são insignificantes ou de gritante imoralidade. Sem falar no excesso de sub-cultura, ou lixo, anulando o raciocínio, ameaçando a infância, a juventude, os espectadores despreparados. Sem falar também na televisão, massificando o público, e na violência, hoje tão presente nas telas.

E perguntamos então, como neutralizar certas influências e propagandas negativas? Como despertar as autoridades competentes? Que fazer quando certos filmes agridem os princípios mais sagrados?... Pois no leque de temas já tratados pelo cinema a escala de valores é mostrada muitas vezes do modo mais leviano... Daí a necessidade de “despertar os espectadores para uma análise crítica, transmitindo-lhes critérios de valor que possibilitem essa análise e escolha”, este, aliás, o objetivo final de meus cursos.

Outras vezes o talento de certos diretores, célebres ou não, de repente atinge com arte questões filosóficas, éticas, etc. Tampouco podemos ignorar a força da imagem, suas múltiplas, misteriosas influências e alcance.

Analisar a posição filosófica dos que fazem cinema sendo embora fundamental é, muitas vezes decepcionante, levando-se em conta os mais variados gêneros, estilos, escolas, recursos e técnicas, suscitando a pergunta: A quem a responsabilidade pelo que vemos nas telas? Aos autores, ao público, à imprensa — que forma e deforma as opiniões insecuras?

Inúmeros filmes poderiam ilustrar estas considerações, como veículos que são de mensagens dignas de nossa atenção — quer positivas, quer negativas... E vejamos igualmente o que a Filosofia ensina, ou refuta em nossa cultura, assim como os valores do homem atual, levando-se ainda em conta o papel das demais artes, em suas diversas perspectivas.

Por outro lado descobrimos elementos humanístico-cristãos em muitos dos grandes clássicos - por exemplo na grande obra de John Ford, ou de um Rossellini. Uma atormentada busca da verdade em Bruñuel... Uma patética dicotomia em Chaplin — Carlitos, o gentleman-vagabundo...

São elementos que indicam questões fundamentais do comportamento humano e social, presentes no Cinema, devendo-se reconhecer que, graças à Sétima Síntese das Artes, temos aí um amplo estudo do ser humano — tudo isso registrado durante cem anos pela 7ª Arte.

E, mesmo na impossibilidade aqui de uma visão panorâmica, é impossível negar ou ignorar tão valiosa contribuição à cultura e ao conhecimento de nossa realidade social, humana e cristã.

Do Cinema atual vamos destacar apenas, como ilustração de alguns desses aspectos, dois filmes excepcionais: “The Fisher King” (“O Pescador de Ilusões”) e o recém-premiado, Oscar de Melhor do Ano “Forrest Gump”. São obras dignas de atenção e análise.

No primeiro (diretor Terry Gilliam, 1991, Leão de Prata no Festival de Veneza, 1991)², temos uma crítica-denúncia aos meios de comunicação social, levantando várias questões sobre a responsabilidade individual e da mídia (em destaque o ator principal Robin Williams), quando um locutor imprudente de rádio induz, sem querer, um ouvinte psicopata, a matar sete pessoas num bar. O remorso leva-o às fronteiras da insanidade, e às ruas, como mendigo, onde encontra o sonhador Parry (R. Williams), partindo os dois em busca, do Santo Graal - em Nova York!

O romântico tom de fábula e comédia ameniza a tragédia da solidão na metrópole insensível, conferindo-lhe algo de psicodrama, e de uma recôndita poesia.

No igualmente breve resumo de "Forrest Gump - O Contador de histórias" (1994) destacamos também apenas alguns elementos: diretor Robert Zemeckis³, ator principal Tom Hanks. Recebeu seis Oscars, na 67ª entrega dos Prêmios da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood, em março de 1995: melhor filme, melhor diretor, melhor ator, melhor roteiro, efeitos visuais e edição.

Adaptado do livro de Winston Groom (mesmo título) critica a sociedade americana e destaca a figura de um retardado mental que participa de fatos históricos e outras situações.

Foi o quarto maior sucesso de bilheteria de todos os tempos. Até há pouco havia rendido mais de 600 milhões de dólares. Hank recebeu com ele seu segundo Oscar de melhor ator.

O filme tem um ritmo excelente e, graças ao seu personagem-metáfora, vai além do evidente. Um desfile de boas seqüências com unidade interna, visando o objetivo final: um retrato-síntese do "american way of life", com flashes concatenados na perspectiva de alguém que não cresceu... Falta-lhe, porém, certa universalidade analítica, enquanto o espectador conta com o ritmo, a serviço de um interesse contínuo.

Mas a ausência do essencial, aos poucos domina a visão crítica do público mais esclarecido. Apenas rápidas referências ao essencial revela-se nas entrelinhas de raras seqüências deixando no ar, como conclusão, a interrogação sobre os frustrantes caminhos da vida humana — e o que está mais além... Pois a Poesia acha-se presente muitas vezes numa obscura faceta da condição humana, perceptível só aos que vêem mais além do evidente.

"Forrest Gump" conduz-nos ao encontro da Poesia (não às recônditas especulações metafísicas) — o que também é desejável numa autêntica obra-de-arte que pretende ir ao encontro das multidões — embora isso não seja tudo...

Tentando uma conclusão

Fatores que dinamizam a opinião pública e garantem o sucesso de certos filmes são inúmeros. Os melhores cineastas sabem disso, utili-

zando-os com inteligência. Gostaríamos também de lembrar a presença da equipe de trabalho dos diretores, citando Esopo: "Os ateliers (oficinas, estúdios) valem pelas pessoas que aí trabalham..." — pois um diretor nunca trabalha sozinho.

Outras vezes importa ver certas obras-primas, mesmo esquecidas, pois o cinema, como escola de costumes e valores é, para o educador, importante instrumento didático. "Forrest Gump", por exemplo, é um fenômeno explicável pela insatisfação da sociedade americana, e seu valor, no caso, reside sobretudo em suas qualidades formais (roteiro, interpretação, realização, etc), ao apresentar fatos negativos, sem agredir diretamente o espectador. Tem, inclusive, certo apoio na linha da análise filosófica de pontos sobre os quais não podemos nos alongar aqui, destacando embora seu ritmo excepcional - "never a dull moment"...

Sentimos nele, porém, como já dissemos, uma ausência fundamental do essencial, substituído por elementos românticos, e outros. Motivo esse porque preferimos, na linha de uma perspectiva mais profunda, "The Fisher King". Outro enfoque, outro ritmo, mas com o transcendente presente em sua mensagem principal.

Não se despreze, portanto, a autêntica 7ª Arte. Nem se ignore seu inegável papel educativo, a nível individual e coletivo.⁴

As dificuldades de levar o transcendente às telas reduz sua presença ao mínimo. Quase sempre suscita controvérsias, críticas e o repúdio de muitos. Raramente o gênero religioso (filmes bíblicos, vidas de santos) é bem aceito, apesar de seu alto significado. Poderíamos citar obras importantes, pois direta ou indiretamente levantam questões religiosas e morais da maior relevância.

Seu estudo, porém, extrapola da nossa breve exposição — nesta síntese... — apenas uma modesta homenagem ao Centenário da 7ª Arte.

Notas

1. Os Irmãos LUMIÈRE - Louis e Auguste - a partir do "Kinetoscópio" de Thomas Edson (1889) inventaram o "Cinematógrafo", e promoveram a primeira projeção pública e paga, em tela grande (écran), em 28 de dezembro de 1895. Esta invenção havia sido patenteada a 13 de fevereiro desse mesmo ano. (Os interessados poderão sempre consultar a vasta bibliografia sobre História do Cinema, etc).

2. Outros de T. Gilliam: "Monty Python and the Holy Grail", "Time Bandits", "Brazil", "As Aventuras do Barão de Munchausen", etc.

3. Também de Robert Zemeckis: "Febre de Juventude" (1978), "De volta para o futuro" (1985), "Uma cilada para Roger Rabbit" (1988), etc.

4. No livro *Caminhos da Paz no Cinema e na TV* (Ed. Loyola), em colaboração com o pesquisador Antônio Carlos Gomes de Mattos, estudamos algumas dessas colocações. Ver também *Cinema Presença na Educação* (Ed. Rencs), *Cinema em Debate* (Agir), etc.